

E se vós quereis ouvir,
consiste esta suma ciência
num elevado sentir
do que é a divina Essência;
obra da sua demência
é ficar não entendendo
toda a ciência transcendendo.

Após esta leitura, e receando quase profaná-la, notarei, contudo, que a exposição teórica do santo, evocada por Jorge Guillén, encontra nestas coplas o seu sentido mais profundo. É que, consistindo

«.....esta suma ciência
 num elevado sentir
 do que é a divina Essência;»

o santo, não só não tenta dar conta do conteúdo da revelação, como nos previne acerca dos efeitos devastadores dessa abismação visionária:

«obra da sua **clemência**
 é ficar não entendendo
 toda a ciência transcendendo.

Por outras palavras: sugere-se que, sem essa **clemência** divina, o próprio entendimento racional correria o risco de soçobrar. Se isso não acontece é porque o «**elevado sentir**» fica «**não entendendo**».

E esse sentir padecido protege a integridade intelectual, ao mesmo tempo que, «transcendendo toda a ciência», se insinua na língua, activando-a por meio de «**figuras, comparações e semelhanças**», de forma a levá-la mais além de si mesma. E a apontar para o indizível enigmático que, mobilizando as entranhas profundas do dizível, lhe exigem transcendência cada vez mais alta e requer, portanto, uma cada vez maior adequação de língua.

FERNANDO ECHEVARRÍA

Mística da Acção, Mística da Investigação Científica

Alguns dicionários definem mística como o tratado das coisas espirituais; como vida contemplativa, como conjunto de práticas conducentes ao êxtase; ou como atitude colectiva efectivamente assente numa fé irracional, numa doutrina, ou até num homem (fanatismo).

Outros aceitam que a mística possa ser mesmo a essência de uma política social como por exemplo a mística marxista, socialista ou mesmo só a mística nacionalista.

Na antiguidade clássica, o misticismo significava uma actividade secreta passando depois a significar as cerimónias e a doutrina que tinham um carácter religioso e oculto.

Hoje o misticismo é designado como todo o método de vida e reflexão orientado para a experiência mística, ou seja para as experiências de contacto imediato com o divino e com o transcendente. Experiências portanto que se situam para além dos processos normais do conhecimento.

A via mística aparece em todas as religiões, e a história do misticismo situa-se na história das religiões, e por vezes confunde-se com ela. Assim, podemos falar dum misticismo grego ou hindu ou mesmo muçulmano e obviamente dum misticismo cristão. Este desenvolve-se mais no âmbito do cristianismo ortodoxo com S. Gregório de Pálamas, mas não deixa de continuar a ser defendido no Ocidente, onde a mística ocupa na Teologia um lugar importante.

No séc. XVI e XVII, assiste-se notoriamente, com Santa Teresa de Ávila e S. João da Cruz, ao apogeu e florescimento místico.

Em pleno séc. XX é Bergson que irá procurar uma prova da existência de Deus na experiência mística que asseguraria assim a absoluta certeza da realidade objectiva de tal existência.

Mas apesar da Igreja Católica ter dado lugar importante a este tipo de experiências, algumas tendências da tradição escolástica ocidental olham com suspeição para os riscos de heterodoxia que o misticismo pode eventualmente comportar.

No entanto há quem afirme que Cristo é o místico por excelência em virtude da sua total e permanente comunhão com o Pai no Espírito Santo.

Contudo o termo Místico pode ainda ser usado para designar a ciência e a arte dos fenómenos psicofísicos invulgares, ou a vivência de ideologias fortemente carregadas e absorventes podendo então falar-se de Mística daquele sistema, daquele grupo, daquela Nação, ou daquela época. E por isso mesmo também podemos falar de mística desta ou daquela acção sistemática ao longo dos tempos, ou da mística da investigação científica de hoje e de ontem.

Procurarei limitar a minha intervenção na mística da acção, numa forma muito resumida, sobre a mística do funcionamento numa universidade que mereça esse nome.

Sonhar uma Universidade, no verdadeiro sentido da "Universitas", promovendo o encontro dos homens e do diálogo entre eles, promovendo o ensino sério e profundo, culturalmente informado e promovendo ainda o desenvolvimento das populações ou regiões circundantes, é algo que transcende a normalidade da vida comum e portanto merece a referência de Mística de Acção. E o facto é que ao agirmos com alguma atitude interiormente reflectida, ou seja, com alguma transcendência nos objectivos que nos propomos realizar (mística de acção) aqueles que conosco colaboram aderem sempre com mais facilidade, com mais entusiasmo e eu diria até mesmo com mais devoção, às tarefas que lhes sejam cometidas. Vale portanto a pena sobrenaturalizar a acção para disso tirarmos muito mais proveito.

Aliás a qualquer nível das profissões diferentes se aplica o mesmo.

(História dos 3 Pedreiros)

Alguém pergunta a três pedreiros que estão britando pedra o que estão a fazer. O primeiro responde: "ganho a minha vida", o segundo diz: "brito pedra", e o terceiro diz: "construo uma catedral" já que aquelas pedras a isso se destinavam.

Toda a acção pode ou não, ser fruto numa atitude reflectida, pensada, por vezes mesmo com doação de serviço aos outros. Isso permite

que quer no caso dos pedreiros quer no caso numa empresa possa haver uma mística. Assim, quando um empresário busca o lucro correcto do dinheiro investido na sua empresa e procura o desenvolvimento numa região ou do País e/ou promove o bem estar a largas dezenas ou centenas de empregados e dos seus familiares, poderemos afirmar que há nesse caso uma mística empresarial como havia no caso do pedreiro, dado que a acção está acima da naturalidade do acto, ou seja, há uma espécie de sobrenaturalidade no desempenho de funções. Além disso, toda a acção, se imbuída ou instruída de alguma riqueza cultural, transforma-se de imediato em atitude Mística. E o serviço ao próximo é sempre uma atitude culturalmente rica conducente a essa mística.

O verdadeiro sucesso dum projecto universitário, reside acima de tudo no entusiasmo e dedicação que o colectivo universitário, no seu conjunto (Professores, Alunos e funcionários) denotam no seu funcionamento quotidiano. E se para além disso, a investigação científica realizada e os serviços prestados à comunidade circundante são de molde a promover o seu desenvolvimento e/ou a melhorar a sua qualidade de vida, então esse sucesso é por todos partilhado e a mística divulgada.

Mas para que esse entusiasmo ou essa devoção transborde, é preciso que as condições infraestruturais dessa universidade sejam de facto dignas, atractivas se possível, e acima de tudo adequadas aos objectivos ou tarefas que se perseguem. Isto quer dizer que desde as instalações, à biblioteca, ao parque informático, às cantina e/ou restaurantes e aos espaços de lazer incluindo os espaços verdes e os jardins a que não falem as flores, tudo isso são condições infraestruturais que fazem parte da construção da mística. Convém lembrar, porque muitas vezes se esquece, que os docentes e os funcionários numa universidade vivem nela 75% do seu tempo activo da sua vida – entre os 20/25 anos até aos 65/70 anos de idade. E se assim é, é preciso que as condições de vida diária, sejam dignas e se possível, repito, atractivas.

Mas a outra grande função numa universidade, em que todos têm que colaborar, é a divulgação e a promoção da Ciência no sentido do aumento do conhecimento. A própria palavra ciência vem do latim *scire*: conhecer. Indica, em geral, conhecimento, mas de facto designou sempre algo mais que o conhecimento geral.

A ciência é ao mesmo tempo uma forma de mentalidade ou atitude, uma atitude intelectual, um conjunto de resultados, uma linguagem, uma actividade social, embora cada um destes componentes assumem feições diversas e se combinem em graus diferentes consoante o momento histórico considerado.

1. *Como atitude* o espírito científico, a mentalidade científica consiste fundamentalmente em tudo considerar sob o ponto de vista crítico, duvidar metodicamente, encarar tudo de maneira problemática. Servet foi condenado pelas autoridades protestantes de Genebra (Genève) por estabelecer a pequena circulação do sangue, tendo sido considerada essa posição como manifestação de livre pensamento, Galileu foi condenado por aceitar e demonstrar o heliocentrismo, considerado contrário ao ensino bíblico de então e à indiscutível oposição aristotélica entre o mundo celeste incorruptível e o terrestre corruptível, mas no entanto qualquer dos cientistas é que estava dentro da razão.

Em ciência não se acata a tradição ou o senso comum porque todos pensam assim e sempre se pensou assim: a unanimidade colectiva não é aceite como prova de verdade, destaca-se o carácter sacralizado que a comunidade lhe atribui, busca-se, sim, a universalidade racional livremente aceite depois de exames sem quaisquer peias.

2. *Como actividade intelectual*, maneira de pensar, a ciência é assim a superação do conceito perceptivo. É uma pesquisa sistemática e que visa apanhar nas suas malhas todo o real, embora por aproximações sucessivas, por sistemas explicativos parciais que pouco a pouco se vão integrando nas totalidades mais vastas. Dadas as limitações humanas de observação e pensamento, admite-se que nunca se chegue efectivamente a construir um sistema que abarque em si todo o universo na multiplicidade das suas facetas.

Como dizia Albert Einstein no Prólogo do livro de Max Planck. “Para onde caminha a Ciência” “...o facto de termos de nos contentar com uma incompleta imagem científica do Universo físico, não se deve à natureza do Universo, mas sim a nós próprios...”. O espírito científico implica em primeiro lugar um espírito de humildade, o que já de si implica de imediato uma atitude mística.

A ciência unifica: os factos na lei, as leis na teoria; assim a lei da queda dos corpos unifica numa relação, o que se passa numa infinidade de casos passados, presentes e futuros; as equações de Maxwell unificaram electricidade e magnetismo, etc, etc... Mas por outro lado, a ciência pluraliza e multiplica.

Durante bastante tempo, demasiado para a ciência, acreditou-se que em cada ciência só seria possível um sistema axiomático único. Na geometria seria o sistema Euclidiano, em economia o sistema Clássico, na lógica o sistema Aristotélico. Mas vieram porém as geometrias não Euclidianas, as lógicas não Aristotélicas e as economias não Clássicas.

A ciência deixou assim e espero bem para sempre, de ser um edifício cujos alicerces foram estabelecidos num sistema fechado, graniticamente imutáveis.

Heraclito, há 2000 anos atrás dizia: “Nada há de mais permanente que a mudança”.

3. *A ciência é em resultado dessa actividade intelectual um conjunto de resultados*. A ciência é um conjunto de sistemas de conhecimentos ou de conhecimentos sistematizados, devidamente comprovados, prontos a servirem, a serem aplicados. A ciência não se limita a conhecer passivamente o mundo mas pretende transformá-lo, age sobre as coisas e assim a aplicação que dantes se considerava fora dela está hoje nela incluída. Se é mais importante apreender o espírito de ciência do que aprender-lhe os resultados, não há todavia ciência sem esta aprendizagem de resultados.

4. *A ciência é uma linguagem*, uma forma de comunicação – comunica, isto é torna comum. A ciência cria palavras ao criar as noções ou descobrir objectos: parâmetros, poliedro, fotão, neutrão, coeficiente de correlação, neurónio, mitocondria, gene, super-ego, ou faz-lhe corresponder um sentido unívoco, dado por definição rigorosa: instinto, recalcaimento, oferta e procura, salário, frequência, matriz, etc..

5. Mas a ciência é *também uma actividade social*. Os conhecimentos transmitem-se, e destinam-se a ser transmitidos. A comunicação, a transmissão estão institucionalizadas – há escolas, professores e alunos, tratados e compêndios. É a sua contribuição à sociedade, impondo-lhe regras de funcionamento.

A criação científica é aventura intelectual recente. A humanidade existe há pelo menos 1.000.000 anos e a criação científica não tem mais de 150 a 200 anos, podendo mesmo dizer-se que algumas ciências cresceram mais nos últimos 50 anos que em toda a sua história.

É que a ciência só podia surgir em grande desenvolvimento quando estivessem reunidas certas condições sociais, culturais e políticas (civilização urbana, escrita alfabética, responsabilidade do cidadão, interesse politico-económico).

A ciência constitui em suma, um complexo sistema cultural e social: abrange atitudes colectivas e individuais, padrões culturais, canais de conduta, etc. Há cientistas, métodos científicos, técnicas de pesquisa e de registo, laboratórios, bibliotecas, bancos de dados, academias, tratados, monografias, revistas, seminários, colóquios ou mesas redondas, etc... Há de facto, acima de tudo, uma mística da investigação científica séria.

A actividade científica entra assim hoje na contabilidade nacional (e mundial), representa assim, acima de tudo investimento e mede-se ou deve medir-se por produtividade, já que é responsável pelo desenvolvimento económico, social e cultural dos povos.

Durante vários séculos as ligações entre a ciência e a prática foram meramente ocasionais, devido ao meio social a que pertenciam os pensadores e aos preconceitos existentes quanto ao trabalho manual. Só verdadeiramente no séc. XIX é que se abre a era das aplicações da ciência em larga escala – a ponto de se tornarem factor decisivo do crescimento económico e reestruturação social. Não é possível marcar uma data para o início ou nascimento da ciência e do espírito científico. A invenção e difusão social da escrita foi sem dúvida uma das suas condições culturais.

A formação das cidades, o desenvolvimento industrial, o crescimento do comércio interurbano e mais tarde a estruturação de estados, são também condições sociais e políticas. O prelúdio da ciência traçou-se na Mesopotâmia (astronomia, aritmética) e no Egipto Faraónico (agrimensura, calendário). Mas é nas cidades – estados gregos, assentes ainda na escravatura, que um grupo importante de cidadãos livres que intervém na vida pública, que se edificou os primeiros sistemas dedutivos (com demonstração).

É a aritmética Pitagórica, a geometria Pitagórica-Euclidiana que até ao séc. XX vai permanecer como modelo de ciência dedutiva.

Entra-se depois na fase experimental, na audácia das hipóteses (sistema heliocêntrico, máquina a vapor, descobertas de Arquimedes, trigonometria, astrolábio, etc).

É no séc. XVII porém que se dá a grande revolução mental: com a mecânica de Galileu expressa em linguagem matemática mas com a seiva da experimentação, com o aparecimento de novos instrumentos desde o telescópio no começo do século ao microscópio no fim do mesmo, passando pelo barómetro e pelo relógio de precisão. É a época da geometria analítica de Descartes e Format, da grande circulação sanguínea de Harvey, do movimento planetário de Kepler, etc.

Todas as ciências apresentam uma curva própria de desenvolvimento. Inicialmente sobrecarregadas de crenças pré-científicas, vão a pouco e pouco, através dos tempos, definindo os seus contornos ou os seus próprios campos de acção. Todavia esta evolução é extremamente lenta porque a morosa acumulação de observações é condição imprescindível ao aparecimento de atitudes interrogativas capazes de conduzir, por um lado, à sistematização e reorganização dessa observação, e por outro à

procura de respostas através da experimentação, que é um processo activo central no método científico. Afirma-o Pierre Rousseau ao escrever: “A experiência? Temos de esperar até Galileu para a ver constituída em física; e a química e a biologia verdadeiramente científicas, nascerão mais tarde ainda”.

De facto, a introdução da experiência revolucionou o pensamento científico e tem como figura central Galileu (1564-1642) a quem António Gedeão se dirige deste modo num dos seus poemas:

Eu queria agradecer-te Galileu
A inteligência das coisas que me deste.
Eu,
E quantos milhões de homens como eu
A quem tu esclareceste,
Ia jurar – que disparate Galileu! –
E jurava a pés juntos, e apostava a cabeça,
Sem a menor hesitação –
Que os corpos caem tanto mais depressa
Quanto mais pesados são.
Pois não é evidente Galileu?
Quem acredita que um penedo caia
Com a mesma rapidez que um botão de camisa
ou que um seixo da praia?

Bastantes vezes na história das ciências, progressos importantes foram devidos a generalizações novas que permitiram unificar o que, até então, parecia formar os domínios separados: foi assim que a Termodinâmica e a Mecânica foram unificadas pela Mecânica Estatística; a Óptica e o Electromagnetismo com a teoria dos campos electromagnéticos de Maxwell; ainda a Química e a Física Atómica com a Mecânica Quântica.

No fim do séc. XX e dealbar do séc. XXI os cientistas puderam dedicar-se ao esforço de conjugar disciplinas ou ciências que pareciam isoladas na sua caminhada conjugando estudos interdisciplinares que desde logo mostraram a sua enorme valia nos processos de desenvolvimento e do conhecimento, afectando assim as sociedades e os comportamentos das mesmas.

São os casamentos das ciências da Engenharia com a Biologia, da Medicina com a Química ou com a Electrónica, da Economia com as Ciências da Computação, ou da Física com as Ciências da Vida, etc. E são estes casamentos que permitem acelerar o desenvolvimento em muitas áreas científicas.

É a era do homem no espaço, em que todas as Ciências Clássicas têm que ser chamadas para o esforço interdisciplinar do colocar o homem na lua, e trazê-lo de volta à terra, vivo e mais rico em conhecimentos científicos (cerca de 400.000 pessoas colaboraram neste projecto). É ainda a época dos transplantes de órgãos como o coração, o fígado, os rins, pulmões, etc., ou a época em que se inicia o desenvolvimento de um novo ser humano num meio extra corporal, ou ainda a época em que se recombina moléculas diferentes de DNA. Mas, acima de tudo, é a época em que se constata a absoluta necessidade de promover e impor se possível, duma ética para a biologia científica ou melhor duma Bioética.

E todo este enorme desenvolvimento das várias áreas científicas não levou mais de 60 a 70 anos, senão vejamos:

– da caleche puxada a cavalos ao primeiro automóvel e ao Ferrari ou ao Maclaren Mercedes de hoje mediram apenas 70 ou 80 anos.

– do primeiro aeroplano (já sonhado por Leonardo da Vinci), ao avião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral que os levou ao Brasil, ou ao avião de Lindberg que fez a primeira viagem St. Louis-Paris, ao quadrimotor, ao jacto e ao foguetão, que permitiu a chegada do homem à Lua e às ainda mais longas viagens espaciais, mediram os mesmos 70 ou 80 anos.

– da descoberta do átomo à teoria atómica e à fusão nuclear e toda a gama de aplicação boas e más que esta acarretou consigo, mediram apenas 60 ou 70 anos.

– *da era animal* a lavra puxada a dois ou mais cavalos no 1º quartel do séc. XX, passando pela era motorizada no segundo quartel até à era química com os adubos e fertilizantes, e daí até à era biotecnológica que trouxe ainda maiores produções devido a melhoramentos genéticos quer nas plantas quer nos animais, tudo isto em menos de um século.

– no campo da comunicação da carta ao fax e deste ao correio electrónico via internet, foi um salto dos últimos 20 a 30 anos.

– da informática à robótica e desta ao controle remoto foram saltos qualitativos de enorme importância para o conhecimento do mundo em que vivemos e de algum do mundo estratosférico que ainda desconhecemos muito.

– do telefone instalado ao telefone de bolso, do telégrafo sem fios ao transistor de hoje e do telefone à video-conferência foi um salto também altamente valorativo do sistema tecnológico de comunicação.

– do relato jornalístico de factos vividos ontem, sucede-se hoje o contacto directo com esse facto via satélite através da televisão, aconteça

este em Lisboa, ou em Pekin ou em Nova York, que podemos vivê-lo ao segundo. Tudo também nos últimos 50 anos.

– mas sem dúvida, o enorme progresso de Ciência deu-se no campo da Biologia.

– da Biologia de ontem com as leis de Mendel e a sequência das espécies de Darwin no começo do século, à descoberta do material genético, o DNA por Watson e Crick na década de 50 que hoje já vai na descrição de todo o genoma humano com todas as suas consequências!!! Foi um salto espectacular, dos últimos 50 anos.

Vemos portanto que a investigação científica promove desenvolvimento e esse desenvolvimento pode e deve promover o homem e os seus valores. Talvez por isso mesmo Sua Santidade João Paulo II disse que o desenvolvimento era o novo nome da Paz. A Mística Científica ou de ciência fica assim bem definida.

Mas infelizmente nem todo o desenvolvimento é informado da mística verdadeira de serviço ao Homem. Pode de facto ser usada para promover a guerra ou destruir os valores humanos. A descrição completa do genoma humano pode ser um bom exemplo para explicarmos o que queremos significar.

Se essa descoberta for usada para fins de correcção de erros congénitos ou curar doenças quase incuráveis, para transplantes de órgãos, etc, etc, então haverá uma mística de serviço ao próximo, mas se usada para outros fins de destruição dos valores humanos, então a mística será destrutiva e por isso mesmo não espiritualizada.

O enorme desenvolvimento de todas as ciências e nomeadamente das ciências ditas da natureza, provocou uma das maiores mudanças da humanidade e é impensável que a humanidade não se destrua a si mesma no futuro se não efectuar uma mudança moral e ética, igualmente radical. “Aqueles que tornam as revoluções pacíficas impossíveis tornam inevitáveis as revoluções violentas” – J. F. Kennedy/1962. A elementar honestidade obriga a reconhecer que, se há muitas esperanças de um futuro diferente, continuamos todavia a não saber bem até onde vai a capacidade de os “humanos” serem “desumanos”, ao ponto de não haver qualquer ponto do progresso completamente imune ao risco de retrocesso. (D. António Ferreira Gomes)

As estatísticas não iludem, quando indicam que os enormes avanços que se verificam em muitos sectores e regiões do mundo vêm simultaneamente acompanhados, como reverso da medalha, pelas situações de miséria e de ausência de futuro em que muitos milhões de seres humanos continuam a viver explorados.

Em todos os campos, em todas as áreas, dos transportes à comunicação, do ensino à saúde, da informática à robótica, etc., os avanços científicos conseguidos nas últimas décadas permitiram enormes progressos na vida do homem. De todos os homens? Ou apenas de alguns?

E se estes progressos são apenas dos chamados países desenvolvidos, duma pequena elite de nações, será que mesmo nestes países tão evoluídos e desenvolvidos sob o ponto de vista material, a vida dos homens terá tido igual desenvolvimento cultural e espiritual?

No dealbar deste novo milénio, como nas últimas décadas, o desenvolvimento dos Países e dos Povos que neles habitam, nomeadamente no mundo ocidental, teve em conta todo este processo de conhecimento científico e tecnológico mas nem sempre levou em conta a manutenção dos valores essenciais do homem. E o que aconteceu ao bloco ocidental aconteceu similarmente com o bloco denominado soviético. E talvez por isso, verificamos que no fim do séc. XX, nomeadamente nos últimos anos da década de 90, assistimos a uma perda de confiança na política em geral e nos políticos em particular, quer nos países ocidentais quer nos orientais.

E por esses mundos fora, a poligamia, a homossexualidade, o adultério, o divórcio, a droga, o aborto, a pornografia, etc. lhes vai minando a unidade familiar com a ajuda da sua melhor difusão, de que têm sido exemplo, muitos programas televisivos baseados apenas no lucro fácil. E a juventude, na ausência dos valores fundamentais dos seus líderes, busca na droga, ou na sexualidade aberrante, ou até no suicídio, o esquecimento de tudo o que vêm e que não condiz com o que lhes dizem em defesa dos princípios democráticos essenciais e dos valores ocidentais que os informam.

Também as diferentes Igrejas espalhadas pelo mundo não estão isentas de responsabilidades neste processo degradativo. Da actuação da Igreja Católica Romana e outras, nas duas guerras mundiais do séc. XX., da Igreja Mártir nalguns casos à Igreja resistente das ditaduras Sul-Americanas, Socialistas e até algumas da Europa Ocidental, a história da sua actuação não está totalmente esclarecida.

Sendo embora verdade o diagnóstico talvez radical que já em 1870 o Historiador Oliveira Martins fez do Catolicismo Português este ajuda a entender a Igreja do fim do séc. XIX. – “A Igreja entre nós é uma conveniência social para os políticos, uma superstição elegante para as mulheres, um velho hábito banal para o povo, o maior número.” Também foi já nesta época de grandes enfrentamentos entre a Igreja e a Sociedade que se iniciou o diálogo entre a Igreja e a cultura moderna que mais tarde iria desabrochar no Concílio.

O grande, o enorme acontecimento da Igreja no séc. XX foi sem dúvida o Concílio Vaticano II que procurou mudar a mensagem da Igreja no seguimento de um longo processo de maturação, pelo regresso às fontes, por um olhar novo sobre a realidade cultural e por uma visão de globalidade. De facto, a situação histórico-espiritual da Europa de hoje em oposição ao fim do séc. XIX, pode a justo título orgulhar-se de ter trazido um valor moral de grande significado porque lutou sempre afinal: – a liberdade, mas também, por outro lado, não raro o pensamento ocidental aparece demasiado circunscrito pela técnica (D. António Ferreira Gomes).

Penso que o grande drama do homem de hoje, e por sua vez da própria Igreja onde ele se acolhe, é a ausência de cultura, ou pior ainda, a presença de uma anticultura que a televisão e o cinema se tem preocupado em desenvolver graças ao interesse apenas economicista das suas feitura ou realizações.

E o Concílio Vaticano II ao tratar da devida promoção da cultura e seu progresso, não poupa as expressões de valoração do progresso cultural. Creio que todos estaremos de acordo que o homem culturalmente evoluído em todos os aspectos, nomeadamente até no artístico, será quase sempre um homem mais pacífico, mais bondoso, mais fraterno e com a tendência de crescer sempre até à suprema bondade, à suprema arte e daí até à suprema caridade que tem a sua residência em Deus. Então assim a ciência, culturalmente entendida, poderá promover definitivamente e efectivamente a felicidade do homem e a Paz no Mundo.

Ao menos vale a pena tentar.

E estas Jornadas que visaram confrontar-nos com as respostas da Teologia e da Igreja à espiritualidade do mundo de hoje merecem o nosso aplauso e o nosso agradecimento pela sua realização.

FRANCISCO CARVALHO GUERRA